

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

**Parcite verbis.**

HORAT. AD ROM.



2956  
52

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

Por que razão acontece, que a imprensa da facção limitada sómente a atacar a administração, e seus agentes, não se occupa de uma só questão, que seja interessante para o futuro do paiz? Por que razão nessa deficiencia, em que estamos de tudo o que póde concorrer para desenvolver nossos recursos, e augmental-os, essa imprensa não se occupa de uma só ideia de melhoramentos? Ha ahí uma multidão delles, que podem ser examinados attentamente, ou por que se vulgarisem, ou se já são conhecidos para mostrar sua vantagem e deavantagem, a fim de não haver emprehendedores loucos, que não só gastem seus capitaes em pura perda, mas o que é ainda peor; que façam desacreditar inventos ou applicações, de que se podem tirar muitas vantagens.

Mesmo em politica, e em economia, quantas questões importantes em finanças? E todavia a imprensa da facção nem-uma só palavra diz mesmo a respeito: sómente envolvida na polemica politica, um só artigo se não encontra nella, que possa sobreviver ao momento, que o produziu. Não dizemos, que abstrahisse dessa polemica; sabemos que é isso o que o faz viver; mas tambem sabemos; que não se deveria occupar só em destruir, devia mostrar-se habilitada para construir, que não tão abastado é o paiz, que possa consentir em que se lhe tire o que tem, sem ao menos se lhe darem amplas indemnisações. Tambem nos sacrificamos muito á necessidade do momento; mas de vez em quando lá apresentamos nossa ideia, não dizemos bem nossa, quasi sempre alheia, quasi sempre tomada de orelha, mas em fim é semente, que atiramos a vér se algum dia fructifica.

Por esta maneira de escrever, se podem bem classificar as opiniões, que se combatem, e qual o fim, a que cada um delles aspira. Os do lado ministerial apresentando artigos doutrinaes, já sobre mera politica, já sobre todos os outros objectos, que podem interessar o publico, mostram trabalhar para alguma cousa mais que o simples momento; mostram occupar-se do dia de amanhã. Querámos dar por um momento, que todos estamos em erro; seja; mas ao menos mostramos nossos desejos; e por alguma cousa deve ser avaliada nossa boa tenção: mas os adversarios nem esses desejos mostram: limitam-se a destruir: não só não se occupam do dia de amanhã, mas nem mesmo para hoje querem alguma cousa: destruição apenas; só destruição: sejam nossos

passos dados sobre ruinas: elles estão satisfeitos. E onde repousarão sua cabeça? Onde descansarão amanhã? Onde abrigarão suas mulheres e filhos? Oh! isso não lhe importa.

A que devemos attribuir este proceder? não seremos tão exagerado, que digamos, que é por falta de conhecimentos: as folhas da Europa, e sobre tudo essa multidão de *Revistas*, que todos os dias ahí nos chegam de todos os pontos della, nos trazem tanta novidade, que podem algumas ser aproveitadas; e quando o não sejam, são ao menos vulgarisadas. Não é pois essa a razão: a razão está no genio e indole da facção; está nos seus principios e nos seus fins. A facção não tem ideia alguma de ordem ou estabilidade; a facção só sabe que quer uma cousa; sabe que quer o poder; nem para que lhes servirá esse poder, isso não sabe a maior parte de seus mesmos corifeos. Alguns querem o poder, para gozarem de suas doçuras, sem se lembrarem dos amargores, que traz consigo: outros querem o poder só para vingar-se de seus inimigos; outros para accomodar seus afilhados, e alguns finalmente só para destruir, por que genios das trevas, a destruição é o seu elemento: fora delle não ha para elles prazer, não ha vida.

Era tendo de emendarmos a mão: era tempo de fazer servir a imprensa para os altos destinos, para que a Providencia a liberalisou aos homens. Assim como o pensamento lhes foi dado para que se aperfeiçoassem, assim lhes foram dados para seu aperfeiçoamento todos os meios de poderem conservar e communicar aos outros o que uma vez pensaram. Os irracionais nunca se aperfeiçoam; por que sua faculdade de raciocinar parece que não é tão perfeita, como a dos homens; e por que não tem meios para conservar em lembrança, o que uma vez pensaram; e por que não tem meios de transmittir a seus semelhantes as suas ideias. Mas os homens tudo isso tem; e como remate de tudo tem a imprensa, que não só faz conservar a lembrança do que se faz e pensa, mas se comunica de uma a outra estramidade do universo, por assim dizer, com a velocidade do raio: uma ideia apparecida na Europa, dahi por dous mezes e meio está entre nós tão fielmente como foi concebida, e com todas as suas circumstancias e esclarecimentos. A escriptura, e sobre tudo a imprensa o devemos.

Pois bem: se a imprensa é meio de aperfeiçoamento, façamol-a servir para nos aperfeiçoar. E se os homens, que nos combatem em politica, tem algum amor ao seu

paiz, o não curem somente de destruir; concorram também com a sua quota para o dia de amanhã. Um pouco de amor da patria, e verão que procedem mal, quando confio até agora procedem.

### ORIBE E FRUCTO.

Temos de cumprir hoje uma promessa, e é a que fizemos ao *Brasileiro Imparcial* do *Diario do Rio*.

Desde que começaram os negocios do sul, temos dado constante applicação ao que por lá vai, e é por isso, que logo que começamos a publicação desta folha, começamos a escrever artigos a respeito; pois que a provincia do Rio Grande não parece ser aquella, que por muito tempo, tem de dar mais cidadãos ao imperio, não por si, pois, que essa meia duzia de desordeiros, que encerrava em seu seio cuidamos, que ficarão escarmentados, mas pela visinhança das republicas da lingua hespanhola, que por certo são muito máos visinhos. Deseja attenção, que temos dado, temos conhecido, que Oribe foi hostil ao imperio, quando estando na presidencia da Cisplatina se declarou a rebellião do Rio Grande; assim como temos conhecido, que Fructo, que a principio favoreceu nossa casa, por motivos, que já temos expellido nesta mesma folha, isto é, por descontentamento com o ministerio de julho, e pela inconstancia e volubidade de que é dotado, passou a favorecer abertamente os rebeldes, fazendo-nos todo o mal possível. Até aqui sabemos nós. Quando os rebeldes formaram a sua republica, tiravam toda a qualidade de soccorros de Montevideo: tinham ali uma agencia publica: para aquelle Estado faziam passar o gado, que roubavam na campanha, lá o vendiam, e lá vendiam os coiros quer desse gado, quer aquelles, que já achavam promptos nas charqueadas, e que dellas levavam. Nossos agentes em Montevideo faziam reclamações, mostrando, que tudo isso era roubo, e justificando a propriedade de seus legitimos donos; mas tudo era baldado: tudo era vendido, e com o producto era comprado toda a sorte de abastecimentos.

Entrou Fructo para a presidencia: legal ou illegalmente nada temos com isso: não somos juizes da casa alheia: começou por favorecer-nos, ou antes a dar-nos os mesmos favores, que dava aos rebeldes. Quando o Brigadeiro Calderon foi a Montevideo mandado pelo presidente Elizario, ali alistou quatrocentos homens, e dali trouxe dous mil cavallos. Negará estes factos o *Brasileiro Imparcial*? Mas a opposição de 1839 entendeu, que devia estigmatizar os actos do governo, e por isso se lançou no mar das accusações contra todos e contra tudo: Fructo foi discutido na tribuna Brasileira: isto o azedou muito, e fez com que começasse a fugir de nós, e a aproximar-se mais dos rebeldes. Alem disso via uma opinião formada, que queria reconhecer a independencia do Rio Grande: procurou ganhar a amizade daquelles, que suppoz, que brevemente formariam um Estado independente, e limitrophe daquelle, a cuja frente se achava. Viu o anno de 1840, e com elles os movimentos, que levaram á administração o Sr. Limpo e o Sr. Antonio Carlos, e á presidencia do Rio Grande o Sr. Alvares Machado: estavam pois no poder os inimigos de Fructo, aquelles mesmos, que tinham empregado suas forças nas camaras a favor dos rebeldes, o raciocinio, que lhe este facto devia suscitar, não é difficil: ou tambem continuar a guerra, e devo em vingança fazer-lhes o mal, que poder, ou reconhecem a independencia do Rio Grande, como tudo faz prever: e

então bom é ter procurado com anticipação a amizade dos caudillos.

Tal foi a posição de Fructo. Qual dos dous merece mais sympathias? Por nossa parte entendemos, que nenhum: ambos têm feito ao Brasil o mal, que podem. Qual seria mais vantajoso ao Brasil proteger? Nenhum, por que o que convem ao Brasil é a mais perfeita neutralidade. Com tudo diremos todo o nosso pensamento: antes nos inclinariamos a Fructo, que a Oribe. Fructo mantem a independencia da Cisplatina; Oribe, tudo annuncia que a não quer manter. E aqui tem logar o fallar da guerra entre Fructo e Rosas.

Sabemos, que um Estado pôde fazer guerra a outro, quando delle recea algum mal imminente: se pois Rosas teme, que Montevideo o ataque e lhe faça guerra, tem direito de exigir todas as seguranças; e quando por outro modo não possa conseguir paz duradoura, tem este o direito de occupar militarmente todo ou parte do Estado Oriental. Disto não temos a menor duvida. Mas o que sempre negaremos a uma polemica é o direito de mudar o chefe de outra potencia, quando esta é soberana e independente. O que negamos a Rosas é o direito de dar um exercito a Oribe, e dizer-lhe: — ide tirar Fructo da presidencia, e em seu logar ficará Oribe. — O tempo de Carlos XII e Pedro Grande, que faziam e desfaziam reis á sua vontade, já passou. E' isto o que estranhamos em Rosas; e é deste facto, que deduzimos, que a independencia da Cisplatina se acha ameaçada: primeiramente por que Rosas hade querer, que lhe paguem as despezas da guerra, e a protecção, que tem dado a Oribe: em segundo logar, por que se Oribe tem carecido de um exercito exterior para debellar Fructo, carecerá d'elle para se manter na presidencia: por que acabada esta luta, hade haver logo outra. E em terceiro logar pelas pretensões de Rosas a reunir na confederação argentina todas as provincias do antigo vice-reinado de Buenos-Ayres: Rosas e seu governo a cada passo fallam nos seus direitos. E em quarto e ultimo logar, a guerra é feita pelos selvagens federalistas aos selvagens unitarios. Rosas tem protestado manter a independencia da Cisplatina; mas esses protestos valem muito pouco, não só pelas causas, que deixamos apontadas, como pelo desejo que tem todas as potencias, de influir sobre as outras. O Estado Cisplatino unido com o Brasil, por quaesquer laços, que seja, incommodará muito a Buenos-Ayres; unido a Buenos-Ayres do mesmo modo incommodará o Brasil. Ora, quem terá a menor duvida de que Rosas procurará influir sobre Montevideo, e tornar duradoura essa influencia? Seria necessario soppol-o inteiramente inepto.

Acresce que a campanha de Montevideo, está grandemente povoada de Brasileiros; e isto deve influir temor em Rosas de que o Brasil venha a influir no gabinete montevidiano. Bento Gonçalves embalou o gabinete do Rio de Janeiro com a união da Cisplatina ao imperio. Diz o *Brasileiro Imparcial*, que somos imprudentes em revelar este facto: não sabemos como. Não fomos descobri-lo nas secretarias, nem nos foi contado em confidencia; foi cousa que muita gente soube; foi projecto, que embalou a muita gente: ali está vivo o Sr. Aureliano, que não sabemos se era opposto ou se favoravel a tal tentativa; mas elle pôde attestar se alguem houve nesse tempo bastante influente, que considerou a união já feita. Era uma visão, mas encontrou visionarios. Assim como nós o ouvimos, muita gente o soube, e Rosas

não pode ignoral-o; e ainda menos pode ignorar, que o Brasil lucraria infinitamente, estendendo suas fronteiras até á margem do Prata: não só obteria um limite natural, mas conseguiria a navegação desse rio, sem dar satisfações a pessoa alguma.

Se Rosas não é inteiramente inepto, deve ter feito todas as considerações; e quem quizer saber a maneira por que um individuo se hade mover, indague quaes são os seus interesses, que pouco se enganará. Acautele-se pois o Brasil: a neutralidade é a sua maior conveniencia; é a sua obrigação; mas acautele-se. Nem é por medo de Oribe, nem por medo de Fructo, que assim fallamos: Fructo ainda está na campanha; não bate a Oribe, mas Oribe não bate a Fructo. Por que se conserva Oribe em perfeita inacção em frente da cidade? Por que a não ataca? Fructo tem muito apoio no campo, e está muito acostumado á guerra do campo, Oribe está senhor do terreno que pisa. Nestas guerras de Montevideo e Buenos-Ayres, temos visto, que as invasões são sempre muito mal succedidas.

Neutralidade, repetimos; assim como a justiça, assim as conveniencias pedem neutralidade. O Brasil deve respeitar a casa alheia, para que lhe respeitem a sua.

#### A CARTA DE SILVESTRE PINHEIRO.

O *Diario Rio* transcreveu uma carta de Silvestre Pinheiro Ferreira, homem muito conhecido na republica das lettras, dirigida a S. M. o Sr. D. Pedro II, em que lhe diz que divida o Brasil em cinco reinos federados. O *Diario* acha o projecto prematuro: nós tambem não entraremos na sua discussão; mas para o julgar tal basta uma pergunta: quem seriam esses reis? Cinco reis custam a encontrar: a nossa familia imperial não tem tantos membros. Quando similhante passo devesse ser dado, não seria melhor começar estabelecendo vice-reinados? Cuidamos ter lido mesmo em Silvestre Pinheiro, que os governos federaes são mais fracos de todos: e é este governo, que nos aconselha o publicista portuguez.

Os publicistas de gabinete são sempre causa de erros funestissimos: emittem enas opiniões ex cathedra, sem procurarem indagar as circumstancias, que as devem modificar. O publicista de gabinete está para o homem de Estado como o peor calculista para o calculista physico. Perguntau ao primeiro quando parará a balla despedida pelo canhão: dir-vos-ha que nunca, por que dado uma vez o impulso o corpo impellido nunca mais parará: fazei a mesma pergunta ao segundo, e immediatamente vos fará o calculo das resistencias, que essa balla vai encontrar, e vos mostrará, que á pouca distancia deve parar. Assim um publicista como Silvestre Pinheiro, forma as suas hypotheses á sua vontade, e deduz dellas os corolarios, que lhe apraz: muitas vezes vai procurar o principio depois de estabelecer a conclusão. Diz que estivera no Brasil: quando? Que progressos tem tido depois disso este imperio? Quaes são as suas circumstancias de hoje? Quanto tempo se conservariam unidos esses cinco reinos?

Por que não diz esse publicista á Russia que se divida? Por que o não diz á Inglaterra? Mesmo á França, ou á Austria! Não são a primeira e segunda maiores em territorio e população, que o Brasil? que recursos ficariam á cada um desses novos reinos? Que meios de conservação e prosperidade? Quando se não apresentam essas cifras, não se argumenta, declama-se.

#### CANDIDATO A SENADOR.

Pela morte do Sr. Diogo Antonio Feijó, ficou vago um logar de senador pela provincia do Rio de Janeiro: de esperar era, que aquelles, que se suppoem habilitados para triumphar nas eleições procurassem desde logo apresentar-se candidatos: mas até agora não sabemos, que assim tenha sido: até agora ainda se não diz, que alguém se tenha movido a obter a benevolencia dos eleitores. Sabemos bem, que boatos se tem espalhado: mas não são elles de peso tal, que lhe devamos dar credito. Diremos o que sabemos, e o que pensamos.

Cuidamos, que o Sr. Joaquim José Rodrigues Torres, ministro da Marinha será um dos candidatos: tendo seguido o turbilhão da vida politica, constantemente representante da nação por sua provincia, tendo chegado á idade marcada pela lei, supponmos que é um dos aspirantes: supponmos ainda mais, que está em uma posição em que não carece, mesmo não deve apresentar-se aos eleitores: é a seus amigos, que incumbe essa tarefa. Quando mesmo o Sr. Torres não tivesse as ideias elevadas, que tem, quando mesmo pudesse ter alguma duvida das sympathias, que elle tem á provincia, que o viu nascer, e que sempre o contempla em primeiro ou segundo logar, o emprego que actualmente occupa o inhibe de se offercer á discussão: a sua apresentação pessoal poderia parecer exigencia, e sobre tudo nesta provincia. Cuidamos pois, que o Sr. Torres obterá vér seu nome na lista triplíce, mas tambem cuidamos, que nem se elle apresentará nos eleitores, nem se deve apresentar.

Quasi na mesma posição está o Sr. Joaquim Francisco Vianna, ministro da fazenda: e a provincia do Rio de Janeiro tem optima occasião de mostrar sua amizade ao ministro affeito e economico, que não tem duvidado arrostar toda a especie de odiosidades, para nivellar a receita com a despeza. O Sr. Vianna apresentando-se ante as camaras, pedindo impostos, e discutindo-os affoitamente, e apresentando-se no thesouro a expedir regulamentos e toda a especie de ordens para augmentar a receita, e evitar os immensos meios, que embarçam, que no thesouro entre quanto deve entrar, tem se tornado credor de uma mostra especial de benevolencia.

Até aqui vamos bem; mas quem será o terceiro? A *Sentinella* apontou o Sr. Andréa, e ouvido temos, que seus amigos pedem votos para elle: mas elle se não apresentou, e não sabemos se de sua vontade é apresentar-se. Se os amigos do nobre general entendem por esse modo mostrar-lhe, que o julgam digno de uma cadeira de senador, sem que esperem, que a elle obtenha, vamos excellentemente: e então não temos duvida alguma, que o nobre general não desagrada vér seu nome na lista triplíce; mas se esta candidatura fôr com outras vistas, duvidamos que lhe agrade.

Todos estes nomes são ministeriaes, e muito ministeriaes: quem são os candidatos da opposição? Ainda não ouvimos designar um só.

O Sr. Saturnino de Sousa e Oliveira, inspector da alfandega, dizem-nos que pede votos, ou seus amigos por elle; mas nós o não acreditamos. Primeiramente não sabemos se o Sr. Saturnino se apresentaria como candidato ministerial, se como candidato da opposição, ou se como candidato de algum terceiro partido. Ora, terceiro partido por em quanto não sabemos que exista; como candidato da opposição julgamos que o Sr. Saturnino, inspector do alfandega, o não fará: supponmos

He brio bastante para acreditar, que se apresente opposicionista aquelle, a quem o ministerio dá tantas provas de confiança, que lhe tem confiado logar tão importante. Como candidato ministerial não nos consta, que queira o Sr. Saturnino ser contemplado. Para que pois pudesse receber votos, seria preciso, que esse Sr. se apresentasse ao publico, fazendo a sua profissão de fé. E tanto mais julgariamos isso preciso, e tanto mais duvidamos que, o Sr. Saturnino se apresente candidato á senatoria, que ha poucos dias fez elle uma declaração pela imprensa, em que declarou, que nem era candidato á deputação provincial, nem mesmo á geral. E' verdade, quo não fez menção da senatoria; mas não supponho no Sr. Saturnino reservas jezuiticas: quando esse Sr. disse, que renunciava á deputação provincial ou geral, entenderam todos, que renunciava aos empregos electivos, ao menos por algum tempo: a antecedencia da declaração a respeito da deputação geral mais o fez presumir: como se apresentaria já o nobre inspector da alfandega, reclamando contra o que ha tão pouco tempo disse tão solemnemente? E como acreditarão tão de leve, só por que o diz um ou outro individuo, e sem uma declaração positiva do interessado?

Diz-se, que as cousas se desfazem pelo modo, por que se fazem: neste caso, é necessario uma nova declaração da imprensa; é desserviço supponho ao Sr. Saturnino qualquer tentativa para o fazer entrar em lista antes de uma sua declaração. Póde isso fazer acreditar, que esse Sr. ou tem um procedimento para o publico, e outro para o particular, ou que não tem coragem bastante para desfazer o que fez.

Não somos opposto á candidatura do Sr. Saturnino: julgamos, que está muito nas circumstancias, uão só de obter votor, mas até de obter uma cadeira de senador: mas entendemos, que não é elle candidato, e até que o não póde ser, em quanto ou não passarem alguns annos, ou não houver uma declaração sua franca e positiva, que não deixe logar a interpretações.

E que faz a facção? Onde estão os seus candidatos? Diz o *Nacional* e diz o *Pharol*, que o ministerio é geralmente execrado; pois bem, demonstrem-o: apresentem seus candidatos, e apresentem-os com tempo, para que discutamos os seus merecimentos, e para que depois vejamos pelo resultado, qual de nós tem razão. Quem sabe qual a tem, e qual a não tem? Mas a provincia é chamada a julgar entre nós: vejamos para que parte pende a sentença. Em 1840 julgou ella: de um lado esteve o poder com toda a casta de fraudes e violencias: do outro lado figuraram os proscriptos: mas os proscriptos venceram: o poder foi derrotado. Pois derrotem o poder. Então provámos com a pratica o que diriamos: façam agora o mesmo os nossos adversarios. O campo está aberto: venham os lutadores.

#### AS GRAÇAS.

Somos accusados de que depois de 1841 têm sido torpemente prostituídas: seria quando foram conferidas ao Sr. Vergueiro, e ao Sr. Alvares Machado? Ao Sr. Suasnuas, e ao Sr. Pontal? Ao Sr. Feijó?

E não prostituíram graças, aquelles que nomearam condes a homens que, nunca fizeram o mais pequeno serviço? Que nomearam um enxame de camaristas, como nunca teve côrte alguma, com quanto muitos sejam mui dignos? Esses nada prostituíram?

#### MAXIMAS, E SUAS CONSEQUENCIAS.

A resistencia no mundo moral, como no physico é o principio motor, é a lei do progresso geral; ella é quem leva o homem, ás sociedades, e ás cousas para onde os dirigem os eternos designios da Providencia. *Logo resistencia em todo o caso.*

Sem as rebelliões o mundo achar-se-ia até esta hora sepultado nas trevas da barbaridade, e do despotismo. *Logo rebelliões em todo o caso.*

#### PERGUNTA E RESPOSTA.

Perguntou o *Pharol* com muita seriedade, ao que parece, se teriam ou não vergonha os eleitores de Nictheroy? E diz que suppoem que sim, e que por isso o Sr. Caldas Vianna não seria presidente do Collegio. Os eleitores de Nictheroy responderam ao *Pharol* elegendo justamente o Sr. Caldas Vianna. E agora? Agora lá se avinha o contemporaneo com os eleitores, a quem tão escandalosamente insultou.

#### O NOSSO EMPREGO.

Diz o *Pharol*, que devemos substituir o Sr. Odorico na inspecção da thesauraria provincial do Rio de Janeiro: admiramos como sabe o contemporaneo tanta cousa: habil é por certo o seu espirito familiar. Cuidavamos, que estava isso tão occulto ainda, que nem o proprio ministerio, nem nós o sabiamos. E vai senão quando, já o contemporaneo o sabe! Pedimos-lhe, que ao menos, para outra vez, não conte essas cousas, que podem os pretendentes acordar, ter melhores empenhos, e ficarmos nós de fóra.

#### PEQUENAS CAUSAS, GRANDES EFEITOS.

Sabem por que S. M. foi para a Taquára com sua Augusta familia? Foi para que o Sr. Paulo Barboza, pudesse comer um peru, uma vitella e um carneiro! Esta facção é felicissima nas suas invenções!

#### VIOLAÇÃO DOS CORREIOS.

Queixa-se o *Nacional*, de que o segredo das cartas é violado, sobre tudo em alguns logares da provincia de Minas. Rogamos-lhe encarecidamente, haja de declarar, onde é, para inquirirmos, e se for verdade, unirmos nossas vozes ás suas.

#### GRECIA.

Houve uma revolução neste paiz: o rei foi obrigado a convocar uma assembléa, e a dimittir o ministerio, nomeando outro; cujos individuos lhe foram designadamente apresentados. Entre os revolucionarios figuram alguns nomes illustres na historia da independencia daquelle paiz. A assembléa tem de organizar uma constituição, que tem de ser sancionada pelo rei: admiramos a moderação desta exigencia.

#### PROHIBIÇÃO DE FUMAR.

Na Suissa dizem que foi prohibido aos mancebos fumar: e entre outras razões diz-se que por opposto á saúde. Que o tabaco é um narcotico poderoso, é cousa que ninguem ignora: e todavia pouca gente se lembra disso quando fuma! Os que pregam cruzadas contra os Ingleses por irem envenenar os Chins com opio, não poderiam pregal-as contra os vendedores de charutos e sigarras?